

DO FALASSER

Conferência proferida por *COLETTE SOLER** no Sixième Rendez-vous International de l'Internationale des Forums et de l'École de Psychanalyse des Forums du Champ Lacanien – IF-EPFCL: Le “mystère du corps parlant”**

Minha questão diz respeito à extensão dos efeitos da *lalíngua* [*lalangue*]. Por vezes, fala-se dela como se todo elemento da *lalíngua* que se isola numa análise pertencesse ao inconsciente real, este inconsciente que eu escrevo em letras maiúsculas, ICSR, para inscrever sua *palavra-materialidade*¹ [*motérialité*], seu fora do sentido [*hors sens*] na grafia. Talvez eu mesmo o tenha deixado supor, mas esse ponto me parece exigir precisões que têm consequências.

Lalíngua, integral de equívocos, que comporta apenas a cifra do sentido, não é simbólica, mas real. Ela se transmite pelo discurso, mas não é, ela mesma, discurso. Nesse sentido, todo elemento verbal do inconsciente que se manifesta do lapso ao sintoma é testemunha da sua heteridade [*hétérité*], real, fora do simbólico [*hors symbolique*]. Todavia, a *palavra-materialidade* não é o próprio do ICSR, foi Freud mesmo quem por primeiro revelou essa *palavra-materialidade* por sua técnica de decifração e a propósito do inconsciente verdade. Daí, a utilidade de se manter na definição precisa do ICSR: encontra-se no ICSR somente quando esta palavra-materialidade não tem mais sentido [*portée de sens*].

A ênfase colocada sobre o sintoma, formação maior o ICSR, que faz ex-istir o inconsciente no real do gozo fora do sentido, entre simbólico e imaginário, essa ênfase não deve encobrir os outros efeitos da *lalíngua* no imaginário, lugar do sentido. Esses são mesmo os mais evidentes, enquanto que, ao contrário, os efeitos da *lalíngua* no real, que fazem o verdadeiro mistério do corpo falante, estão para ser demonstrados de fato, e o são apenas na psicanálise. Esse problema, Lacan o formula em “A Terceira”,

* Psicanalista, AME da École de Psychanalyse des Forums du Champ – France (EPFCL – France). Tem formação em Psicologia e doutorado em Filosofia. É idealizadora e membro fundador da Internacional dos Fóruns e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, onde leciona. Foi docente na École Normale Supérieure e nas Universidades de Paris VII e VIII.

** Realizado em Roma em 11 de julho de 2010.

1 A autora une as palavras francesas *mot*, que significa palavra, e *matérialité*, que significa materialidade (N. do T.).

ou seja, após “Mais, ainda”, quando ele insiste que “não há letra sem *lalíngua*, esse é mesmo o problema, como é que a *lalíngua* pode se precipitar na letra?” (LACAN, 1975), subentendida a letra de gozo do sintoma.

No que concerne ao imaginário do sentido, eu cito “R.S. I”, lição de 11 de março de 1975, o sentido, diz Lacan, “eu o defino pelo efeito da *lalíngua* sobre a ideia, ou seja, sobre o imaginário”. Ele diz ideia em referência implícita a Platão, mas vocês podem também falar de todas estas “representações imbecis”, como ele afirma que a *lalíngua* introduz no corpo. Ora, o corpo é prioritariamente o imaginário, quantas vezes Lacan não o repetiu? Interrogar a si mesmo sobre a extensão dos efeitos da *lalíngua* é também se interrogar sobre os tipos de gozo.

De uma maneira geral, a relação da *lalíngua* ao gozo é dupla: de um lado, ela provém dos gozos ordenados pelo discurso. “O gozo aí deposita”, diz Lacan, pode-se então se lembrar disto que ele notava desde o início, o gozo faz palavra, não somente silêncio. O discurso tem então antecedência lógica sobre a *lalíngua*, ao mesmo tempo sincrônica e diacronicamente: não há *lalíngua* sem dizer. Em contrapartida, eu cito ainda Lacan falando do corpo gozante, é

lalíngua que, esse gozo, o civiliza, se ousa dizer, entendo por isso que ela o leva a seu efeito desenvolvido, aquele pelo qual o corpo goza de objetos cujo primeiro, aquele que escrevo com *a*, é o objeto mesmo, como eu dizia, do qual não se tem idéia, idéia como tal, entendo, exceto a quebrá-lo, esse objeto, neste caso seus pedaços são identificáveis corporalmente e, como estilhaços do corpo, identificados (ibid.).

Está claro aí que não é questão da letra do sintoma.

Vale dizer que os efeitos de gozo da *lalíngua*, isto é, os efeitos da *palavra-materialidade* do inconsciente sobre o gozo não são homogêneos, e se distribuem entre o gozo da letra do sintoma e o gozo do sentido, da verdade.

Ora, o que é que faz o gozo do sentido senão a deriva das pulsões? A tese é incontestavelmente de origem freudiana: para ele, o sentido é o sentido do desejo e o desejo se transforma sob o efeito da latência das pulsões recalçadas. O que há de gozo nas pulsões incita por vezes atribuí-las ao real. É um erro. O que é real é o gozo mesmo, esta estranha propriedade do corpo vivo, única substância que a psicanálise tem a conhecer, mas esse real do qual o corpo goza não fica “menos opaco”. Mistério, então! Todavia, as pulsões “eco no corpo do fato que há um dizer”, na origem aquele da demanda, as pulsões dizem respeito ao corpo imaginário, segundo a expressão de

Lacan, ao corpo superfície, forma, sobre o qual o dizer, com as suas palavras, decupou as zonas erógenas e extraiu os objetos pulsionais da função orgânica concernida. Nesse corpo, “deserto do gozo” que me dá a linguagem, é então o dizer que decide sobre os oásis de gozo que permanecem no *falasser*. O que eles têm de mais real é o traço do corte negativante. Eis porque é justificado dizer que toda pulsão inclui a morte. Mas no âmbito dessas formas desenvolvidas, que são os típicos gozos oral, anal, escópico e invocante, não há verdadeiramente mistério, existe mistério que sua descoberta, que provocou escândalo, é hoje perfeitamente admitida por todos. Eu aí falo com meu corpo, pois são elas que dizem finalmente o que Eu, com uma maiúscula, quer.

As pulsões vêm do dizer, todavia é por causa da *lalíngua* que o objeto *a*, esse objeto “que falta”, toma a forma do “mais-de-gozar” que, ele, não falta, e que fala para mim. O gozo das pulsões deriva mesmo palavra a palavra na metonímia sem a qual não haveria erotismo, tese de “Radiofonia”. Aliás, recordemos que no “Seminário XI” Lacan faz da pulsão “a realidade sexual do inconsciente”, e a realidade nunca foi confundida por ele com o real. As pulsões são o segredo do sentido gozo [*sens joui*], do gossentido [*jouisens*] escrito em duas palavras, a colocar entre o simbólico e o imaginário. O real dessa realidade das pulsões é a foraclusão da pulsão genital, o não da relação sexual, essa relação da qual meu corpo falante não fala justamente.

Vê-se a função específica da *lalíngua* neste nível pulsional. As pulsões são tipificadas a partir do dizer, discurso da demanda. Mas as palavras da pulsão não típicas são próprias de cada um. Onde elas vêm? A questão foi pouco estudada. Eu vejo as coisas assim: na medida em que os gozos ordenados pelo discurso, no qual a língua comum depositou, fazem suas ofertas, há apenas que pegar nas suas homofônias inumeráveis para, por exemplo, no exemplo freudiano do pequeno curioso, passar metonimicamente do olhar do pequeno observador, *to glance* em inglês, para *glanz* com um *z* em alemão, do brilho sobre o nariz da dama. Do mesmo modo, no exemplo do *Bel Ami* de “Radiofonia”, a cada qual seu exemplo, é por metonímia que a ostra a sorver, uma representação do objeto oral, confere por deslocamento sua atração ao ouvido que o sedutor se esforça para encantar. A deriva verbal da pulsão é o segredo do gozo do sentido e é o objeto que sai pelo furo do sentido. Eu poderia então falar de *palavraní-mia* [*motonymie*], ao invés de metonímia. As pulsões são geradas pelo dizer, mas suas modalidades individuais são reguladas pela *lalíngua*.

Fica evidentemente a questão do ponto de ancoragem da deriva. A articulação, indubitável nas pulsões, do mais-de-gozar e das palavras não impõe a ideia de que essa

deriva se ancora, ela também, nas marcas da origem? É a *lalíngua* original, não ainda desmaternalizada [*dématernalisée*], que isso deriva, entregue à vontade dos equívocos da língua ou das línguas próprias de cada um.

Eu insisti muito sobre o “som sem o sentido” que especifica o banho de língua, Lacan chega a dizer caldo, o banho pré-discursivo, e sobre os elementos fora do sentido que nele se depositam. Mas não esqueçamos que o banho do “som sem o sentido” não pode ser separado do dizer sem o qual não há canção do entendido. E sabe-se dos efeitos da carência do dizer maternal na origem.

É preciso então ao mesmo tempo distinguir e articular as marcas deixadas pela *lalíngua* fora do sentido e aquelas deixadas pelo dizer que veiculou essa *lalíngua*. O dizer deixa também sua marca própria no sentido do desejo do Outro, no que concerne ao sujeito. É o que, segundo penso, diz a conferência 75 sobre o sintoma. Um detrito, aluvião da *lalíngua* fora do sentido, pode ser elevado ao estatuto de “Um encarnado”, propício a fazer a letra do sintoma, mas essa não ocorre sem estar junto à marca do dizer, que é outra coisa que a *lalíngua*. Dupla marca, então. E cada um é o produto da copulação, não somente de dois corpos, mas de dois dizeres. Daí, aliás, as questões ulteriores de Lacan sobre o real de um efeito de sentido, e a hipótese que ele formula em “R.S.I”, dizendo que esse real vem talvez menos do significante do que da fonação, existencial, do “que se tem dito”. Mesma questão para a interpretação.

É pela dupla marca deixada pelo estilo do dizer parental e pela *lalíngua* que ele portava, que se faz a ligação do sentido e do real, do real do ICSR a colocar, como eu disse, no nó. Complicação a mais, esse dizer onde se deposita a *lalíngua*, esse dizer-discurso² [*diresecours*], como eu o chamo, por condensação do dizer e do discurso, ele se infere do estilo de todos os ditos parentais, e permanece então à mercê da leitura que dele faz o infante, com o problema dos casos em que o dizer-discurso parental é tão holofrástico que nenhum dizer pode se inferir dele.

Fica então a questão, que foi retirada de alguns dos Prelúdios, da relação do outro gozo, sem maiúscula no outro, o não-todo fálico, à *lalíngua*. Como colocá-la entre os dois gozos aos quais a *lalíngua* preside, aqueles do sintoma e do sentido?

2 O termo utilizado pela autora é *diresecours*, que se forma a partir da justaposição de *dire*, dizer, e *discours*, discurso. Porém, dessa justaposição, uma terceira palavra aparece: o substantivo *secours*, que se pode traduzir como socorro, ajuda, auxílio (N. do T.).

Como responder à questão? O recurso à experiência dos ditos é sem esperança, já que esse gozo outro é mudo, ele não fala, mesmo se ele fizesse barulho, as mulheres nada dizem sobre ele. Quanto ao dizer, ele certamente é sexuado, eu desenvolvi isso por ocasião do Encontro de 2006, em Paris, mas ele não responde à questão. Eu tomo então a via lógica para me orientar nas teses de Lacan.

Como um gozo do qual o Outro, lugar do significante, nada sabe, um gozo que não pode ser transformado em significante, nem decifrado, e que, por essa razão, nenhum objeto *a* causa, como poderia ele dizer respeito à *lalíngua*, *lalíngua* civilizadora do gozo pulsional tanto quanto sintomático, *lalíngua* que ele mesmo goza, mas, traço por traço, equívoco por equívoco, literatura e poesia colocam à prova?

Eu concluo que as produções da poesia não concernem ao outro do gozo, que nenhum traço marca. E de tudo o que Lacan disse, eu deduzo que é preciso dizê-lo real. É o mistério do corpo não falante, ainda que ele esteja ligado ao ser da significação, já que ela se define por não entrar aí. Real mais de um real que não faz letra, e tampouco sentido. Desse último ponto, a experiência atesta: nem o amor, nem o desejo que estão na dimensão do sentido são suficientes para produzir suas emergências, que são erráticas, e não elucidáveis.

Todavia, é um fato que as mulheres são levadas à escrita. É conhecida a escrita de diários íntimos da sua subjetividade, mas também a escrita poética e literária. Como interpretar que seres habitados por um gozo que não se escreve e que não faz letra interessem-se especialmente pela escrita enquanto que essa fala de gozos passados à letra e/ou levadas pela pulsão, mas não fala do outro gozo por definição? Eis minha resposta: tudo o que é real, fora do sentido, com a dimensão de destituição e de angústia que comporta, tudo o que é real produz no falante o que eu chamei de um impulso ao Outro, um recurso ao Outro, com o apelo a Deus, ou ao homem quando ele se presta à confusão com Deus. Eu concluo: a escrita e o uso da *lalíngua* que ela implica não é uma manifestação do outro gozo, mas é eventualmente o efeito segundo dele quando o mistério é insuportável, e ao qual o *falasser*, em desordem, trata de se agarrar às últimas esperanças... da significância.

Tradução: Fábio Luís Franco

Referência

LACAN, J. (1975). La troisième. *Lettres de l'École freudienne*, n. 16, 1975.